



projeto *Mater*

Os murais da artista plástica
Fúlvia Gonçalves no Hospital da
Mulher Prof. Dr. José Aristodemo
Pinotti Caism/Unicamp

ORGANIZADORES

Dênis Barbosa Cacique
Vilma Zotareli

COLABORADORES

Isabel Cristina Gardenal de A. Amaral
Neder Piagentini do Prado

Reunindo textos de Suely Pinotti, Luiz Carlos Zeferino, Rachel Zuanon, Anibal Faúndes, Luís Sarian, Sylvia Furegatti, Arlete Fernandes e outros convidados, “**Projeto Mater**” celebra o feliz encontro entre a artista plástica Fúlvia Gonçalves e o **Hospital da Mulher Prof. Dr. J. A. Pinotti-Caism/Unicamp**, na década de 1980. Indicado a todas as pessoas que se tratam, que trabalham ou que estudam no Caism, este livro justapõe perspectivas acadêmicas e leigas sobre a “poesia visual” com que Fúlvia Gonçalves rompera a “aridez arquitetônica” das edificações do Hospital. Os textos aqui reunidos revelam o contexto de produção dos murais: a convite do então Reitor da Unicamp José Aristodemo Pinotti (1982-1986), no bojo de uma das primeiras edições do projeto “arte no campus” e da criação do próprio Instituto de Artes da Universidade. Revelam, também, vínculos afetivos entre seus autores e a artista, a artista e o Caism, o Caism e os autores, os autores e os painéis.

projeto

Mater

Os murais da artista plástica
Fúlvia Gonçalves no Hospital da
Mulher Prof. Dr. José Aristodemo
Pinotti Caism/Unicamp



HOSPITAL DA MULHER PROF. JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI
Superintendente: Luis Otávio Zanatta Sarian
Coordenador de Administração Hospitalar: João Renato Bennini Junior

UNICAMP
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
BIBLIOTECA

Ficha catalográfica elaborada por
Maristella Soares dos Santos
CRB/8 8402

P943 Projeto Mater : os painéis de Fúlvia Gonçalves nos prédios do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti – Caism/Unicamp [recurso eletrônico] / organizadores Denis Barbosa Cacique e Vilma Maria Zotarelli Prette ; colaboradores Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral e Neder Piagentini do Prado. - Campinas, SP : Unicamp BFCM : CMU Publicações, 2021. 96 p. : il. ; PDF

Modo de acesso: World Wide Web:

<<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/bd/index.php/detalhes-material/?code=110921>>
ISBN 978-65-87100-10-4 (E-book)

1. Hospitais. 2. Pintura e decoração mural. 3. Universidade Estadual de Campinas. Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher – Projeto Mater. 4. Gonçalves, Fúlvia, 1937- Projeto Mater. I. Cacique, Denis Barbosa, 1982-. II. Zotarelli, Vilma, 1969-. III. Amaral, Isabel Cristina Gardenal de Arruda, 1967-. IV. Prado, Neder Piagentini do. V. Universidade Estadual de Campinas. Centro de Memória. VI. Título.

CDD 362.11

ISBN 978-65-87100-10-4

Produção Editorial Gráfica
Carlos Roberto Lamari



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: Antonio José de Almeida Meirelles

Coordenadoria Geral da Universidade

Coordenadora: Maria Luiza Moretti



COORDENADORIA DE CENTROS E NÚCLEOS (COCEN)

Coordenadora: Ana Carolina de Moura Delfim Maciel



CENTRO DE MEMÓRIA - UNICAMP

Diretor: André Luiz Paulilo

Diretor Associado: Edivaldo Góis Junior

CONSELHO CIENTÍFICO - CMU

Maria Sílvia Duarte Hadler

Ana Maria Galdini Raimundo Oda

Ana Lucia Guedes Pinto

Evandro Ziggiatti Monteiro

Carmen Lúcia Soares

Lenita Waldige Mendes Nogueira

Carlos Alberto Cordovano Vieira

Jefferson Cano

Ricardo Figueiredo Pirola

Janaina O. Pamplona da Costa

Rita de Cássia Francisco

Ema Elisabete R. Camillo

Jeisel Licursi Meira Lima

COMISSÃO EDITORIAL - CMU

Maria Alice Rosa Ribeiro

Heloisa Helena Rocha Pimenta

Aline Vieira de Carvalho

Nelson Mendes Cantarino

André Luiz Paulilo

Maria Sílvia Duarte Hadler

EPÍGRAFE

JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI

*Na semiótica de Fúlvia, a mulher.
Por trás desses murais a angústia eterna das soluções.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Vilma Zotareli, Isabel Cristina Gardenal, Neder Piagentini do Prado e Denis Barbosa Cacique</i>	
APRESENTAÇÃO	14
<i>Luiz Carlos Zeferino</i>	
O “PROJETO MATER”	17
<i>Fúlvia Gonçalves</i>	
HUMANITAS	25
<i>Luís Sarian</i>	
CONCEPTO	30
<i>J. Luiz</i>	
APRISCO.....	35
<i>Suely Pinotti</i>	
GESTATRIX	38
<i>Marialice Faria Pedroso</i>	
SUSTENTATUS	42
<i>Arlete Maria dos Santos Fernandes</i>	
FECUNDITAS	46
<i>Vilma Zotareli</i>	
UNITAS.....	51
<i>Anibal Faúndes</i>	
CURAMUS	53
<i>Denis Barbosa Cacique</i>	

ARTE E HOMEOSTASIA: OS MURAI DO CAISM COMO INSTRUMENTO SOCIOCULTURAIS HOMEOSTÁTICOS	69
<i>Rachel Zuanon</i>	

UMA LEITURA TOPONÍMICA DOS PAINÉIS DE FÚLVIA GONÇALVES PARA O CAISM DA UNICAMP	83
<i>Sylvia Furegatti</i>	

PREFÁCIO

VILMA ZOTARELI
ISABEL CRISTINA GARDENAL
NEDER PIAGENTINI DO PRADO
DENIS BARBOSA CACIQUE

A ideia do livro *Murais do Caism* nasceu de uma conversa muito animada no ateliê da professora Fúlvia Gonçalves, no dia 20 de janeiro de 2017, ocasião em que ela convidou o professor Luiz Carlos Zeferino para uma visita e o presenteou com uma das obras da coleção “Entranhas da Vida Vegetal” - 1984. Ela também presenteou o Centro de Pesquisas em Saúde Reprodutiva de Campinas (Cemicamp) e

a mim com obras dessa mesma coleção. Durante a conversa, expressou o desejo de fazer um livro para deixar registrado o *Projeto Mater* para a história do Caism, intenção que foi prontamente aceita e recebeu total e irrestrito apoio do professor Zeferino.

O *Projeto Mater* é composto por oito obras de arte, idealizadas pela professora Fúlvia, e é apresentado à população através de murais construídos nas fachadas dos prédios do Hospital da Mulher “Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti” - Caism. Os murais são intitulados em latim na seguinte ordem de construção: *Concepto, Aprisco, Gestatrix, Sustentatus, Humanistas, Unitas e Fecunditas*.

Projeto de beleza ímpar, proporciona a toda comunidade universitária, e à população que frequenta, diariamente a área da saúde, estar em contato com essas obras de arte. Alguns frequentadores não têm consciência do valor desses murais e, por essa razão, reveste-se de grande importância a publicação desse livro.

A obra representa, além de um tributo à vida reprodutiva da mulher, diferentes momentos em que

a maternidade e o nascimento da vida são retratados através do estilo expressionista da professora Fúlvia.

O desejo de ter um livro sobre o Projeto Mater foi evoluindo, e a professora Fúlvia passou para o papel o que imaginava que poderia ser o livro. Esse esboço chegou até o Cemicamp e o professor Aníbal Faúndes levou-o ao conhecimento do professor Luís Otávio Zanatta Sarian, superintendente do Caism, que, com sua sapiência e sensibilidade, acolheu a ideia pela importância do projeto para a história do hospital” por “O desejo de ter um livro sobre o Projeto Mater foi evoluindo, e a professora Fúlvia passou para o papel o que imaginava que poderia ser o livro. Esse esboço chegou até o professor Luís Otávio Zanatta Sarian, superintendente do Caism, que, com sua sapiência e sensibilidade, acolheu a ideia pela importância do projeto para a história do hospital

No dia 8 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher, a artista plástica foi convidada a proferir uma palestra na reunião do Departamento de Tocoginecologia. Falou sobre os Murais do Caism. Essa palestra foi muito interessante e, ao final, vários docentes se manifestaram, cada um com um olhar e com uma experiência a respeito desse trabalho.

Logo em seguida, o professor Sarian autorizou que uma comissão viabilizasse a publicação do livro, com o material já encaminhado pela artista. Foram eles: Denis Barbosa Cacique, assistente técnico de direção do Caism; Neder Piagentini do Prado, supervisor da Assessoria Técnica do Caism (Astec); Vilma Zotareli, profissional de Administração do Caism, que atua no Cemicamp; e Isabel Gardenal, jornalista da Assessoria de Imprensa da Reitoria.

O superintendente do Caism e a comissão fizeram uma visita ao ateliê da artista plástica no dia 9 de abril de 2018, para conversarem mais pontualmente sobre o projeto do livro e a história da obra. A visita foi tão especial e tão produtiva que originou o oitavo mural. O professor Luís Sarian mencionou que o novo prédio, que abriga as Enfermarias de Oncologia e Ginecologia, precisaria receber uma obra de arte, assim como havia acontecido com os demais prédios.

A professora Fúlvia levantou-se rapidamente e, cheia de motivação de onde estava, foi até sua escrivaninha, apanhou um pedaço de papel e uma

caneta. Em pé, diante da escrivania e dos olhos atentos de todos, esboçou o novo mural, baseado em uma pintura copta egípcia, para a qual provisoriamente deu o nome “Coloque suas Mãos sobre minha Dor”, um título que somente alguém com tamanha sensibilidade poderia ter escolhido. Dias depois, entregou a maquete desse novo mural.

Infelizmente, o Caism não tem mais as maquetes originais dos painéis e nós não participamos desse momento criativo, mas acreditamos ter sido algo tão intenso e profundo como o foi a criação do oitavo mural.

Para a organização deste livro, conversamos com algumas autoridades, entre elas a professora Suely Pinotti, uma das primeiras docentes do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, juntamente com a professora Fúlvia que, além de colegas, se tornaram grandes amigas, graças a uma longa convivência.

Durante essa conversa, também pudemos confirmar que o processo criativo da artista era exatamente um momento de inspiração, confirmando o estilo expressionista em que a artista sente e se expressa através de linhas, nem sempre retas, os seus sentimentos de forma muito clara.

A edição desse livro tem como objetivo reunir os murais que compõem o *Projeto Mater*, que estão expostos nas fachadas dos prédios do Caism, com comentários de alguns convidados sobre a percepção pessoal de cada um acerca da obra, alguns pares para fazer a análise técnica dos murais e a explicação da própria artista, de tal modo que ela convide o leitor a fazer as suas próprias reflexões.

Além disso, convidamos as professoras Silvia Mikami, da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) da Unicamp, e Rachel Zuanon, do Instituto de Artes para concluir esse livro, convite prontamente aceito com muito carinho, prontidão e entusiasmo. Professoras Silvia e Rachel, com o olhar crítico de suas áreas, fizeram um fechamento muito interessante e entusiasta para essa obra que se perpetua paralelamente à história do Caism.

O livro finaliza na oitava obra, mas já sabemos que em breve poderá haver a nona e, quem sabe, a décima, pois, se depender da professora Fúlvia, não haverá limites para o seu processo de criação. Por isso, parafraseamos a artista, ao dizer: Nosso profundo e sincero agradecimento a todos que nominalmente ou anonimamente fizeram parte da história desse livro.



Fúlvia Gonçalves presenteia Luiz Carlos Zeferino com uma de suas obras. Ao fundo, outro quadro da artista, exposto em uma das salas administrativas do Caism. O ano é 2013.

Foto: Neder Piagentini do Prado.

APRESENTAÇÃO

LUIZ CARLOS ZEFERINO

Os murais da Fúlvia, projeto que nominou de Mater, são uma marca da identidade do Caism.

Ao apreciá-los, percebe-se a representação com arte e espiritualidade de temáticas biológica, social e humana. É arte figurativa do cotidiano das mulheres que se revela pelo simbolismo, pela linguagem das formas, pelos relevos, pela incidência da luz, pelas marcas da sombra...

Chegar ao Caism e ter a oportunidade de apreciar esses murais, dá-nos a sensação de conforto e, por instantes, nos afasta do realismo do hospital. Para os pacientes, creio eu, suaviza a angústia.

Professor Pinotti foi muito feliz ao identificar em Fúlvia sensibilidade para expressar através de sua arte o papel do Caism. Também foi perfeito ao traduzir o trabalho da artista Fúlvia com a frase: *“Na semiótica da Fúlvia, a mulher. Por trás desses murais a angústia eterna das soluções”*.



Fúlvia Gonçalves em seu ateliê em 2017.
Foto: Juliana Franco.

O “*PROJETO MATER*”

FÚLVIA GONÇALVES

*M*ater é o título do projeto para os murais do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti-Caism/Unicamp. As imagens geradas fundem-se artisticamente através do tema, com a proposta do Caism, que é a saúde da mulher.

Projetados e desenvolvidos em argamassa e tinta branca no original, os murais foram construídos por operários anônimos, a quem faço também autores, pelo aprimorado labor da obra.

Todo esse percurso cristaliza uma resposta ao convite, para o projeto, pelo então Reitor, Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti, que, desta forma, permitiu-me o voo.

O conjunto projetado compõe-se de oito murais. Sete até o momento. Os nomes foram concebidos em latim, nossa língua mãe.

Mater é o nome que abriga, envolve momentos da vida onde a mulher tem papel preponderante, ou melhor, surge como elemento simbólico, referências que remetem ao próprio nome da Instituição, Centro de atenção integral à saúde da mulher, ou Caism.

O primeiro mural faz esquina, sendo o primeiro da alameda do Caism. Seu título é *Humanitas*, que significa libertação do ser, luz à humanidade.

O segundo – *Concepto – Conceptione* – é o louvor, o ato de conceber e gerar.

O terceiro – *Aprisco* – o abrigo e a proteção do ser, doados através do líquido amniótico.

O quarto – *Gestatrix* – é a evolução do ser no ventre materno, encimado pelos seios.

O quinto – *Sustentatus* – é a sustentação, o alimento gerado pelos seios maternos.

O sexto – *Fecunditas* – é a fecundação, o óvulo fecundado.

O sétimo – *Unitas* – Pai, Mãe, Filho. A união, a força.

“O oitavo – *curamus* – é a terceira pessoa do plural de “curare”, verbo latino. Significa “cuidamos”.

São estas as intenções que sugerem apenas ideias. Não cabe ao autor criticar a própria obra, o próprio trabalho. Em “relevô” a proposta aparece como um trabalho aberto e livre a interpretações, ao diálogo com o expectador ou, valendo apenas, o Sentir.

Neste contexto acrescento ainda que a arte sempre presente no Caism alcança seu maior objetivo, que é também o objetivo de seus fundadores e dirigentes, de manterem um visual agradável, humanizado, suavizando a dor daquelas que ali transitam e são atendidas.

Procedimentos e Confrontos

Os meus trabalhos artísticos têm se deflagrado na superfície de quaisquer materiais: papel, tela, chapa de acrílico, sem esboço prévio. A busca na harmonia dos traços e, sempre sobreposta, em se tratando de pintura.

Há ainda, neste caso, o gosto pelo relevo que se revela pela espatulagem volumétrica cujo empasto surge a partir de uma fórmula própria quando eu pesquisava os materiais expressivos.

A construção cromática que superpõe esta textura segue-se ao uso da tinta acrílica em cores lavadas ou planas, em dado momento, cuja opacidade se mantém em cores alegres, saturadas, quentes ou frias – castanhos e azuis – de acordo com o momento.

No caso dos murais do Caism outro procedimento os compõem. Traços rápidos que demarcam a ideia, fundamentalizada a posteriori, por recortes de papel muito espesso, formando planos superpostos, e assim, a ideia do relevo se dá. Um desenho, já em escala rigorosa e passado pelas mãos de um arqui-





“(...) os murais foram construídos por operários anônimos, pelo aprimorado labor da obra.”

Fúlvia Gonçalves

teto para seu tamanho real, ou seja, no tamanho da parede ou fachada a ser elaborada por operários em andaimes altíssimos. O relevo em sua forma, puramente técnico, é elaborado por eles sob a orientação do arquiteto ou também de engenheiro..

Em questões formais e conteudísticas o crítico Pedro Manuel Gismondi diz que “Fúlvia sempre se preocupou com a figura humana. Ela as apresenta em expressões dramáticas... Fazendo parte de uma corrente expressionista faz parte, também, de um grupo que reconstrói o mundo a partir de uma linguagem puramente subjetiva.”

Nesse breve percurso vê-se aí uma relação do espaço com o tempo. Diríamos, uma reflexão demarcada por instantes poéticos que se mantém ao longo de uma jornada, infinda.

A fotografia na página 25 foi registrada no final da década de 1980, no contexto da construção do Caism. A imagem mostra Fúlvia Gonçalves em frente ao mural “Unitas”. A autoria da imagem é desconhecida. A segunda fotografia, que mostra a construção do “Humanitas”, foi registrada por volta de 2005 e faz parte do acervo digital do Caism. Sua autoria também é desconhecida.



Em 9 de abril de 2019, Fúlvia Gonçalves recebeu em seu ateliê, Luis Sarian, Vilma Zotareli, Denis Cacique e Neder Piagentini do Prado. Nesse dia, decidiu-se pela produção do presente livro.

Foto: Neder Piagentini do Prado.

HUMANITAS

LUÍS SARIAN

A aridez arquitetônica das edificações do Caism é subitamente interrompida pelos murais da Fúlvia Gonçalves. Solução engenhosa, encontrada pelos fundadores do Hospital para atenuar o pragmatismo, a escassez e a urgência, outrossim, tão evidentes nos blocos de concreto meramente pintados. Uma base inspiradora, um recado, de que seria necessário construir o belo em bases simples, modestas, e vencer os desafios evocando a maternidade, a feminilidade, a compaixão pelo humano.

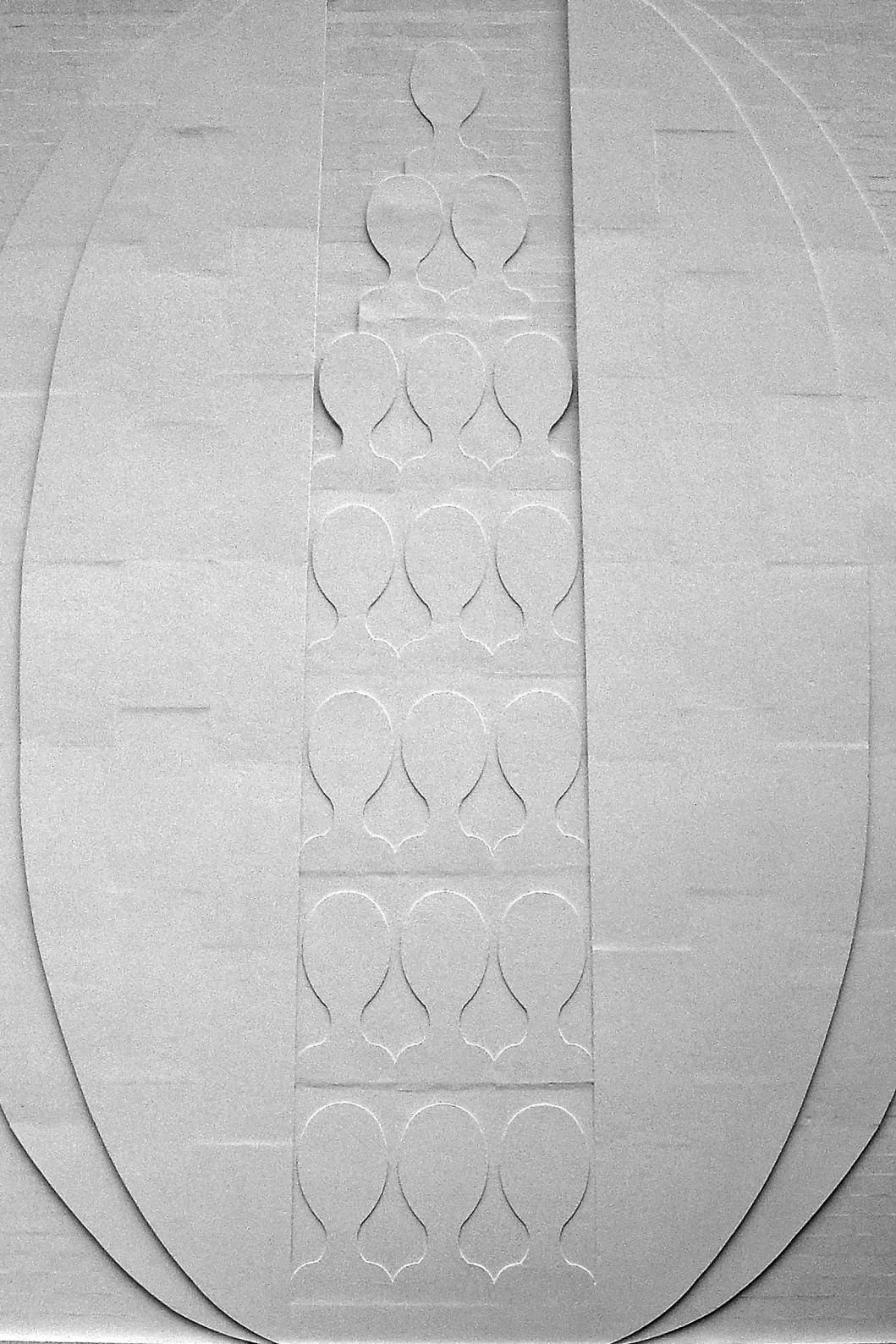
O mural mais recente é o *Humanitas*. Está na face noroeste do bloco de internação, este também a mais nova edificação do Caism. O *Humanitas* é o primeiro mural a ser visto por quem desce a avenida Adolfo Lutz, e é composto por um conjunto de 18 silhuetas humanas emolduradas por semiovais. O conjunto remete a dinamismo, direção, passagem. Os rostos dos indivíduos não são explicitados, deixando a cargo do observador preenchê-los com suas concepções pessoais. Para quem já vivenciou o dia a dia do Caism, é inescapável evocar mentalmente as multidões que acorrem ao hospital para serem tratadas, para aprender, para trabalhar. Todos os rostos estão retratados neste mural, o único do conjunto de murais do Caism em que a concepção, maternidade e a feminilidade não são diretamente aludidas. Talvez essa mudança de tema tenha sido uma consequência da renovada visão da artista que, ao conceber esse último mural, já reconhecia o eloquente cotidiano do Caism, protagonizado por pessoas cujas faces são tão diversas quanto as missões institucionais do Hospital e da Unicamp.

Os painéis da Fúlvia, em seu conjunto, e contrastando com a simplicidade estrutural do Hospital

que adornam, me faz perguntar sobre a eterna ambiguidade brasileira, esse convívio entre o escasso, módico, sofrido, e o belo, o inovador. Quando vamos ter a coragem de escolher em definitivo o correto e o justo e deixar para trás o subdesenvolvimento? Talvez essa pergunta estivesse expressa nos rostos que a Fúlvia viu, e retratou em sua obra.

A fotografia a seguir foi registrada em 2006. Ela mostra o então recém-finalizado “Humanitas”.

Foto: Neder Piagentini do Prado.





Em 8 de março de 2018, em celebração do Dia Internacional da Mulher, Fúlvia Gonçalves promoveu uma palestra no Caism, relatando o processo de concepção e construção do “Projeto Mater”. A imagem acima mostra da esquerda para a direita, Luiz Carlos Zeferino, João Luiz Pinto e Silva, Fúlvia Gonçalves, Mary Angela Parpinelli e Luis Sarian.

Foto: Neder Piagentini do Prado.

CONCEPTO

J. LUIZ

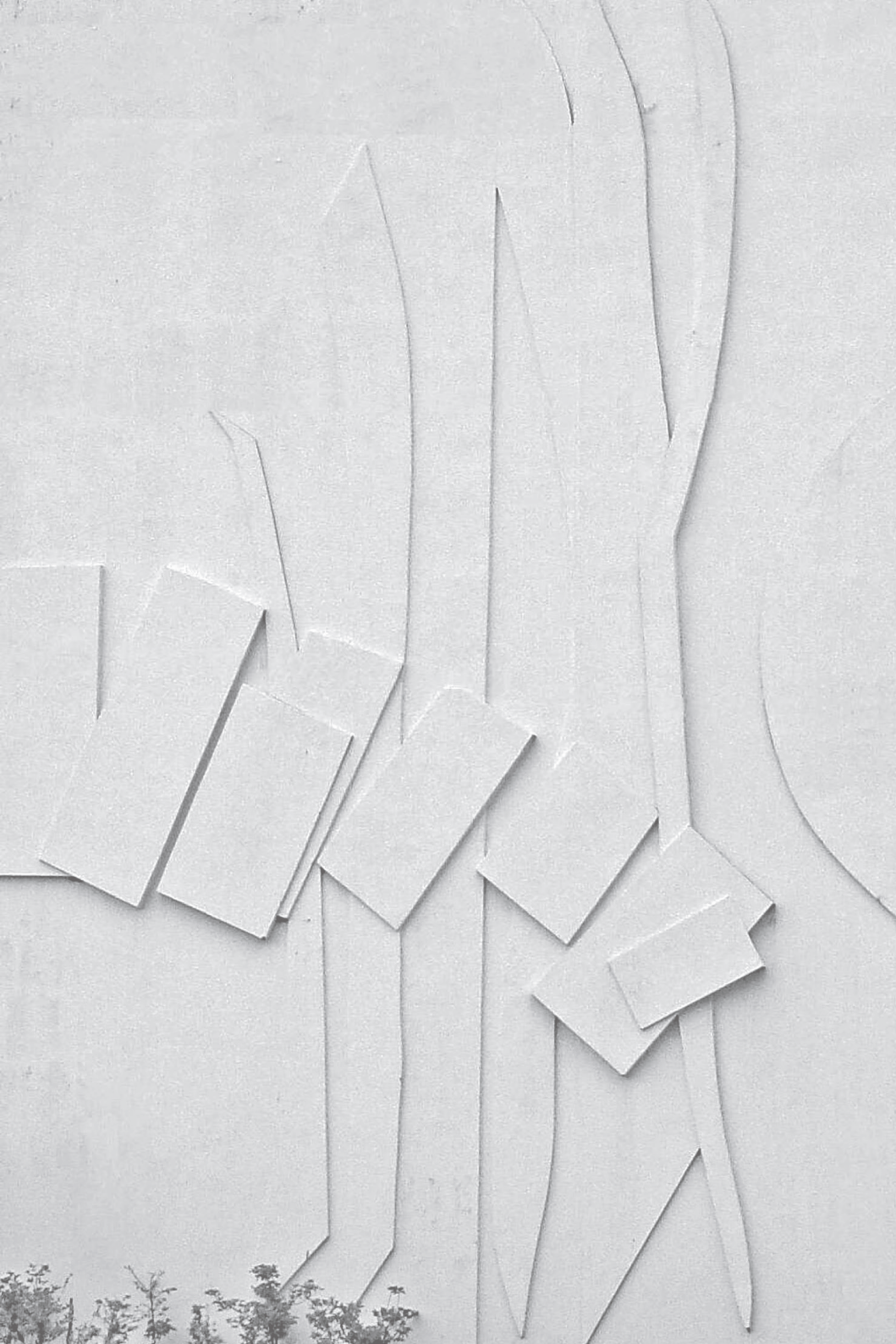
Na história do Caism, uma incompreensão inicial de seus propósitos.

Talvez ciúme ou mesmo inveja, tão comum nas comunidades universitárias, fechadas em seus feudos de poder e ao redor dos muros que contornam a arrogância acadêmica.

Sobreviveram oásis, poucos, onde visionários do futuro alongam sua capacidade em superar limites, debruçados em verdades quase transparentes e imperceptíveis aos olhos dos descrentes.

A fotografia a seguir foi registrada em 2006. Ela mostra o mural
“Concepto”.

Foto: Neder Piagentini do Prado.



A arte muralista de Fúlvia Gonçalves nos traz um resumo plástico do projeto de existência do Caism, que recupera o encontro da proteção da vida, na ideia fertilizada pelos que acreditam sempre.

Desvenda a câmara sagrada onde as sementes bem abrigadas, nascem, crescem, desenvolvem as verdades e seus caminhos múltiplos, de significados e desafios.

Seu trabalho Concepto protege e sinaliza em revelação quase mágica, o edifício onde se dão os partos, onde moram a maternidade e os recém-nascidos, parte do momento mais sublime da vida da mulher.

A artista sacralizou nos muros externos deste sonho de paredes simples, até modestas, a obra de reconhecimento de todos que lá trabalham, revelando com seu talento a transcendência de sua inspiradora [inspiradora] criação.



Suely Pinotti em evento realizado em 15 de agosto de 2018 no Espaço Cultural Casa do Lago da Unicamp.

Foto: Antoninho Perri.

APRISCO

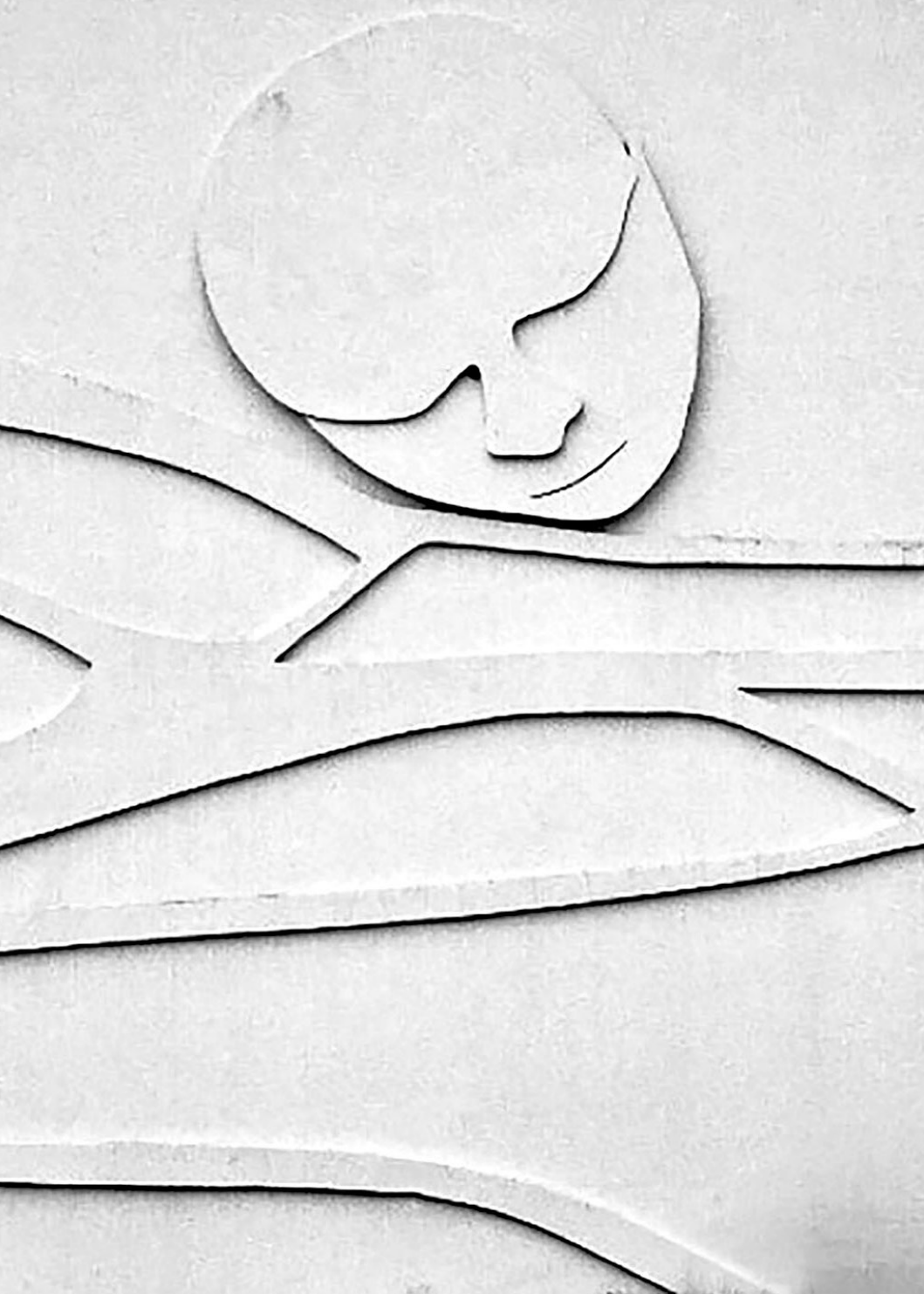
SUELY PINOTTI

Segundo a autora do mural da fachada do Caism, Profa. Fúlvia Gonçalves, ele representa a proteção do SER pelo líquido amniótico. No traço que representa o líquido vejo a sustentação de uma cabeça que ganha força pelo relevo que demonstra.

A figura parece “boiar” sobre apenas um traço sinuoso. A força revela-se pelo conjunto que compõe esta concepção. Assim, o abrigo (Aprisco) se mantém.

A fotografia a seguir foi registrada em 2004 por Neder Piagentini do Prado. Ela mostra o mural “Aprisco”.

Foto: Neder Piagentini do Prado.





Texto: As amigas Fúlvia Gonçalves e Marialice Faria Pedroso, que forneceu a foto registrada em 2019.

Foto: Acervo pessoal.

GESTATRIX

MARIALICE FARIA PEDROSO

Costumo pontuar o quanto é tocante admirar a elevação frontal do prédio do Caism com suas obras de arte, especialmente um dos painéis na empena central denominado *Gestatrix*. A imagem evoca nossa memória afetiva e dialoga com sentimentos ancestrais. A imagem feminina nela está representada pelos dois círculos de onde brota a seiva que nutre uma vida já consolidada.

As figuras circulares fazem parte do repertório do primeiro gesto no desenho humano, a mandala, e a inicial apreensão do mundo pela criança no contato com o seio materno, nossa primeira fonte de alimento. Logo abaixo, outro círculo mostra um receptáculo, de onde brotam folhas de vida alimentadas pela seiva da mãe. Este painel é uma concepção evocadora da maternidade, do ser e do vir-a-ser.

A artista foi muito feliz nesta interpretação do feminino e do gesto da fecundação. Em sublime linguagem ela traduz a missão da criação e nutrição da vida. O branco sugere espiritualidade e as formas, a mutabilidade na evolução do ser.

A fotografia a seguir foi registrada em 2005. Ela mostra o mural “Gestatrix”.

Foto: Neder Piagentini do Prado.





Arlete Fernandes em fotografia registrada em 2019, no Caism. Ao fundo, um quadro de Fúlvia. Na celebração do Dia Internacional da Mulher de 2018 (mencionado anteriormente, pág. 35), Arlete revelou que, durante a graduação em medicina, em 1979 e 1980, fora aluna bolsista da então professora do Instituto de Artes Fúlvia Gonçalves, que lhe pedira para decorar uma obra de Clarice Lispector e para dedicar-se a um estudo de dobraduras. “Mas, dobradura, professora, não era a minha praia”, contou, Arlete, no evento de 2018.

Foto: Neder Piagentini do Prado.

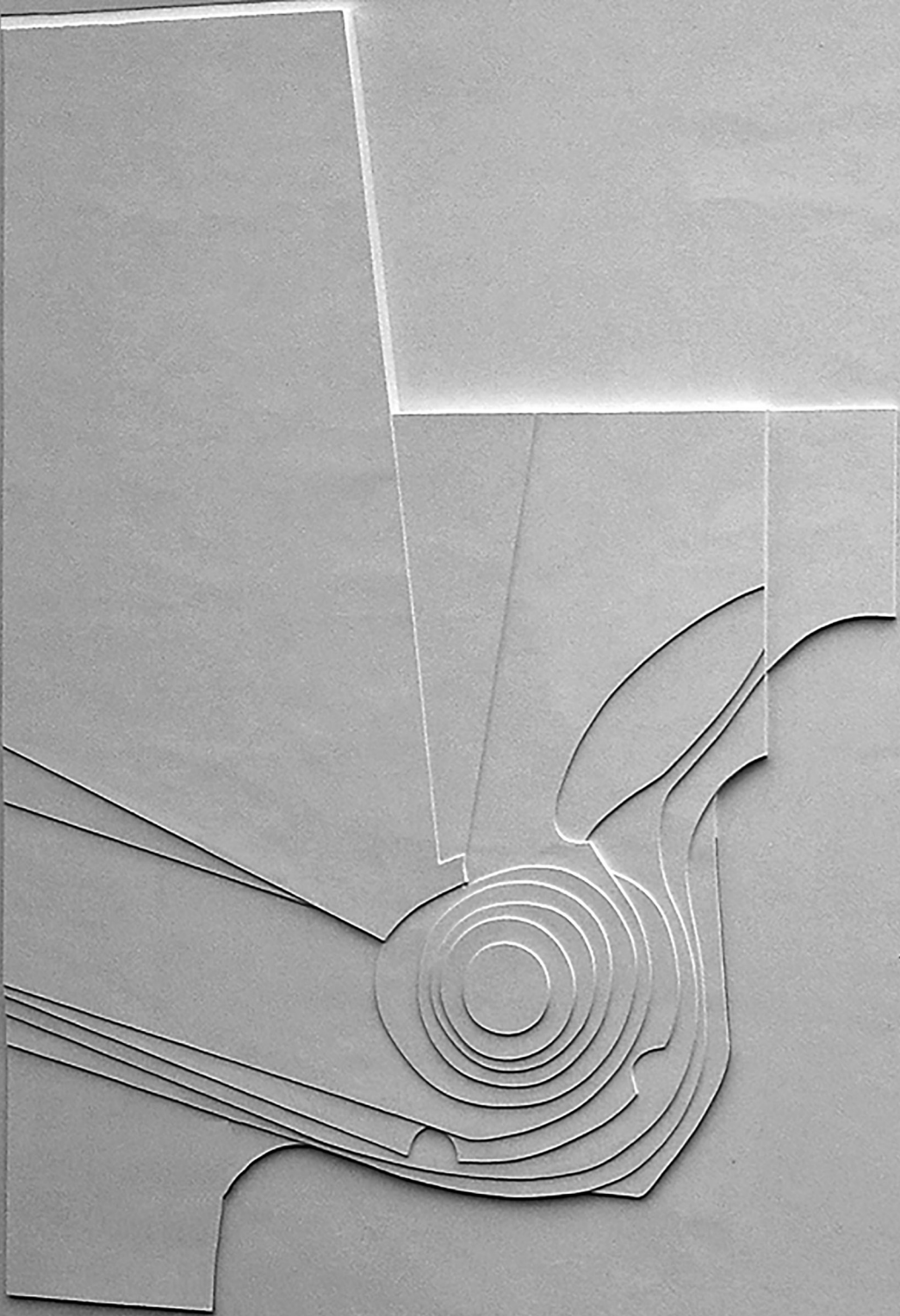
SUSTENTATUS

ARLETE MARIA DOS SANTOS FERNANDES

Painel arquitetônico que cobre toda face externa de um dos prédios do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher, Caism/Unicamp. Feito em alvenaria e com superposição de planos, o *Sustentatus* mostra um dorso estilizado onde linhas de sobreposição levam o espectador a focar uma imagem mamária, cujo centro formado por círculos concêntricos terminam em um círculo menor mais destacado.

O mural “Sustentatus” em imagem registrada em 2010 por Neder Piagentini do Prado.

Foto: Neder Piagentini do Prado.



O mural faz parte de um conjunto de painéis criado pela professora Fúlvia Gonçalves e nominado como *Projeto Mater* para a fachada externa dos prédios do Hospital. Segundo a artista, o *Sustentatus* teve o objetivo de representar “a produção de alimento, de leite, pelo seio materno”, uma das simbologias da maternidade. Ouso acrescentar, em minha visão médica, que o *Sustentatus* poderia também representar a imagem de um eminente nódulo mais aparente em uma mama, o que nos remete a mais inquietante das doenças femininas da atualidade. Além disso, o dorso representado é o esquerdo, onde em geral mora o coração e ao qual são referidas todas as emoções.

O corpo do Caism une-se às palavras da artista, “a obra completa foi uma homenagem às mulheres que buscam este Hospital, movidas por dor e sofrimento, e meu desejo é o de que elas sempre saiam dele mais felizes do que entraram”.



Vilma Zotareli e Fúlvia Gonçalves em foto registrada em junho de 2019, durante a exposição “Cartas Celestes”, no Espaço das Artes da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Foto: Acervo pessoal.

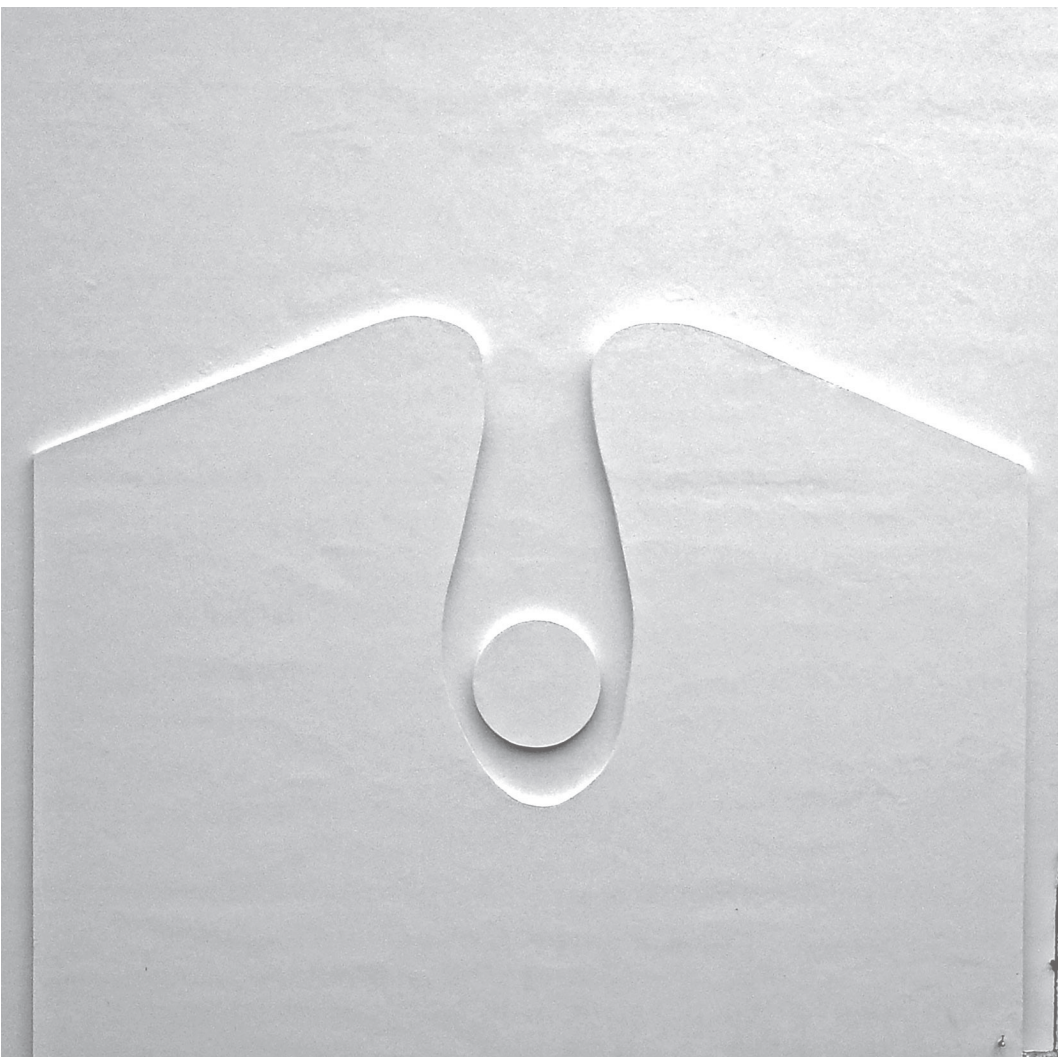
FECUNDITAS

VILMA ZOTARELI

Ao ser escolhida pela Profa. Fúlvia para falar sobre minha percepção de um dos painéis do Caism, surgiu em mim, uma mistura de honra, felicidade, temor e coragem... Temor, por falar da obra de uma renomada artista e de uma das obras desse lindo projeto chamado *Mater*. Meu temor aumentou quando soube que além de mim, a Profa. Suely Pinotti e a Arquiteta Marialice Faria Pedroso falariam também sobre outros painéis. Como eu poderia falar sobre a obra dessa brilhante artista chamada Fúlvia

O mural “Fecunditas” em imagem registrada em 2006.

Foto: Neder Piagentini do Prado.



Gonçalves? Enchi-me de coragem e deixei a admiração que sinto pela Profa. Fúlvia e sua obra, juntamente com a felicidade sentida, fluir e eliminar qualquer temor inicial.

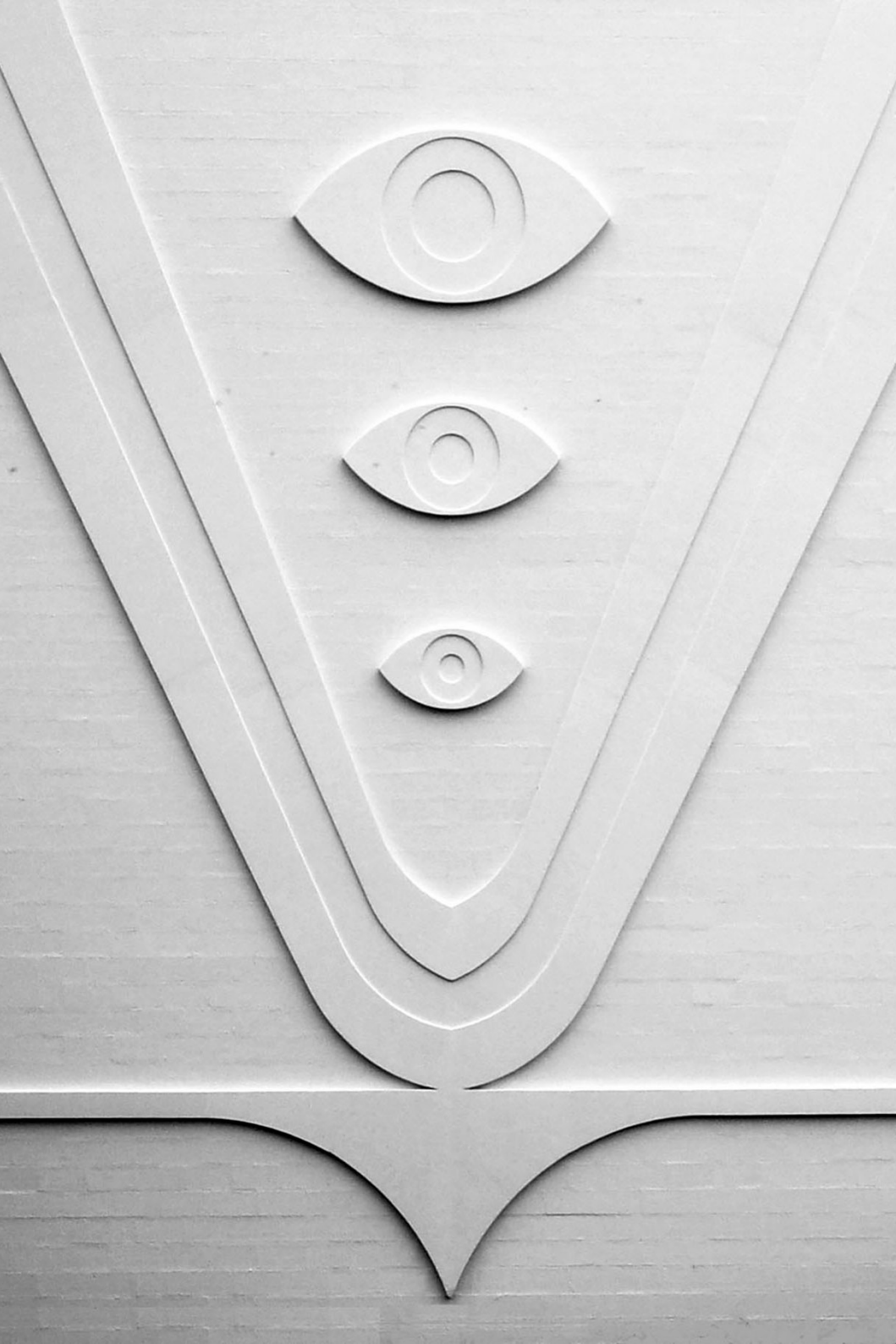
O nome *Mater*, , remete a maternidade, concepção, início, vida, futuro... enfim, me remete a vida e esperança.

O painel *Fecunditas*, na minha percepção, está representando a simplicidade do início da concepção da vida, um óvulo fecundado dentro do aconchego do útero, iniciando o ciclo de uma nova vida. Sinto, nesse painel, a emotividade e a realidade numa feliz composição, representadas de forma artística, traços precisos e simples e de fácil interpretação, especialmente no ambiente onde está inserido, no Caism. Um local que recebe, desde pessoas simples até o mais ilustre dos professores com alto grau acadêmico, nesse ambiente democrático, a obra da Profa. Fúlvia encanta a todos com sua simplicidade e embeleza o ambiente com sua arte.



Anibal Faúndes em foto registrada por Neder Piagentini do Prado em 2018. Ao fundo, um dos quadros de Fúlvio Gonçalves que o professor mantém em sua residência.

Foto: Neder Piagentini do Prado.



UNITAS

ANIBAL FAÚNDES

Na minha percepção, o Mural *Unitas*, idealizado pela Profa. Fúlvia, representa os servidores do Caism abrindo os braços até o espaço, olhando para o futuro. Seus olhos ficam cada vez mais abertos, frente à contínua expansão dos serviços com os quais cada vez mais mulheres são cuidadas, em todas as suas necessidades de saúde sexual e reprodutiva.

O mural “Unitas” em imagem registrada em 2006.

Foto: Neder Piagentini do Prado.



Denis Cacique em imagem de acervo próprio.

CURAMUS

DENIS BARBOSA CACIQUE

Curamus é o nome do novo mural da artista plástica Fúlvia Gonçalves para o Hospital da Mulher – Caism/Unicamp. Quanto à semântica, cumpre advertir que se trata de um falso cognato. Terceira pessoa do plural de *curare*, verbo latino, *curamus* significa “cuidamos”.

Cuidar é um imperativo ético. Aliás, em sua forma nominal, que é “cuidado”, a palavra compõe o título da filosofia moral de Carol Gilligan, professora de Harvard, a “Ética do Cuidado”. Trata-se

de uma crítica ao uso estrito de princípios abstratos como base para o julgamento de problemas morais. Gilligan defende, complementarmente, que os afetos e as relações interpessoais também constituem componentes legítimos para esse tipo de julgamento. Devem, portanto, ser utilizados!

A mudança é radical.

Não por acaso, a Ética do Cuidado é amplamente difundida na área de saúde, sobretudo entre os profissionais de enfermagem. À beira leito, madrugada adentro, feridas e almas expostas, deve emergir uma ética contextual, raízes nutrindo-se do liame entre cuidador e cuidado; regras do jogo definidas no encontro de valores. E no encontro de afetos.

Difícil, portanto, conceber outro título para o mais recente mural de Fúlvia Gonçalves senão esse: *Curamus*. Obra e tela remetem ao cuidado. O nome também.

O prédio do novo mural é o mais alto dentre as oito edificações que integram o conjunto arquitetônico do Caism. Com seis pavimentos, incluindo o so-

bsolo, a construção abriga a maioria das enfermarias da Instituição. Ao todo, 74 leitos se distribuem pela torre, a maioria deles, 35, destinam-se à internação de pacientes com câncer de mama ou ginecológico. Também há 19 leitos para pacientes ginecológicas, 20 para gestantes de alto risco.

Via de regra, as taxas de ocupação são elevadas, especialmente na enfermaria de Patologia Obstétrica. Superlotada com gestantes dos mais diversos municípios da Região Metropolitana de Campinas, a unidade frequentemente precisa encaminhar pacientes para outras enfermarias ou até mesmo para outros hospitais da região. Também são elevadas as expectativas das mulheres ali admitidas. Gestantes hipertensas, cardiopatas ou diabéticas, todas elas ansiosas por um parto sem intercorrências, à espera de filhas e filhos saudáveis.

No último piso, pacientes ginecológicas prestes a serem operadas de patologias que as afligem por anos, prolapsos e miomas, por exemplo. Não raro, vítimas de violência sexual acolhidas em um quarto reservado. No terceiro e no quarto andar, mulheres com câncer. Câncer de mama, útero, vagina, ovário, vulva e endométrio.

Todas elas nesse prédio, à espera da cirurgia ou recuperando-se dela.

Há também as mulheres sob cuidados paliativos. Longas batalhas travadas contra o câncer chegando ao seu desfecho. São acolhidas por médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos e assistentes sociais. Estimula-se a presença da família, mães, pais, filhos, filhas; enfim, todo mundo que importa.

O capelão também vem visitar. Ele reza e ora e acolhe a paciente em sua espiritualidade particular. O coral de funcionários canta no corredor. Vez ou outra, quem canta é Sergio Reis. Voluntários trazem bíblias, lenços coloridos e almofadas em formato de coração, que é para o braço descansar depois da cirurgia oncológica.

Em cada um dos pavimentos, há uma salinha onde professores e alunos se reúnem para discutir os quadros das pacientes internadas. Aprendizado empírico, fundamental às profissões da área da saúde.

Todos os anos, o Hospital é campo de ensino e pesquisa para aproximadamente 1.600 jovens estu-

dantes. Dentre eles, destacam-se os graduandos em medicina e em enfermagem. Juntos, somam cerca de 400 pessoas por ano. Também há os pós-graduandos, a maioria deles vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade de Ciências Médicas da própria Unicamp.

A pesquisa que se produz nesse prédio é reconhecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação com a nota mais elevada de todos os programas de pós-graduação brasileiros. Motivo de orgulho para todas as pessoas que atuam no Caism, como alunos ou como trabalhadores.

Quem ganha com isso são as pacientes. Naquele prédio, do primeiro ao último andar, impera o cuidado. E a ele se entrelaça, indissociável, um padrão elevado de qualidade, de competência, de vanguarda técnico-científica e de comprometimento profissional.

O novo mural de Fúlvia Gonçalves trata disso tudo.

Fruto de uma tendência expressionista figurativa, a obra não se permite capturar objetivamente,

inquestionavelmente. Aqueles que a contemplarem da calçada ou dos automóveis avançando pela Avenida Adolfo Lutz terão a impressão, pode-se supor, de vislumbrar, na parte inferior do mural, uma pessoa sentada próxima a outra, deitada. A primeira tem um braço estendido horizontalmente pouco acima da segunda. Na parte superior da obra, flutua um círculo enigmático, grande.

Para além disso, conjecturas.

Os personagens não têm faces. Se choram ou se sorriem, se homens ou mulheres, se jovens ou idosos, não se pode dizer. Também não há definição quanto ao que vestem, ou ao que significa a posição de cada um. Em rigor, o círculo é só isso, linha que encontra a si mesma e cujos pontos equidistam do centro.

Então, a imaginação preenche as lacunas.

É tarde da noite e uma gestante acaba de se internar. Veio do Pronto Atendimento, onde se apresentara com dor. Chama-se, digamos, Maria Aparecida da Silva, 38 anos. Negra, olhos grandes, lábios carnudos e o cabelo crespo, estilo *black power*.

Tem uma manchinha linear na bochecha direita, cicatriz de uma queda na infância durante o pega-pega. Está com 39 semanas de gestação, barriga grande, pernas e pés muito inchados.

Residente em um município próximo, digamos, Cosmópolis, fora trazida pelo companheiro num palio branco com o câmbio enroscando, exatamente como explicara o vizinho, dono do automóvel. No quarto quente e abafado da casa recém-construída, paredes de alvenaria ainda sem reboco, mal havia deitado quando decidiu acordar o marido.

– Zé, não estou passando bem. Melhor pegar o carro do Valdir, já que ele ofereceu, e me levar pro Caism.

A cabeça doía como nunca, igualmente o lado direito do abdômen. A vista ia ficando turva e fazia horas que Maria não conseguia urinar. O estômago ardia, estranho, como se tivesse comido pimenta. Chegando ao Caism, foi logo socorrida e internada na Patologia Obstétrica.

– “Pré-eclâmpsia”, explicou a médica que a atendera, uma mocinha atarraxada, ponta do jaleco bem abaixo do joelho. Olhos ao mesmo tempo cansados e atentos. Usava óculos de lentes grossas, armação azulada. E uma professora, médica experiente, mais velha, acompanhava tudo de perto, fazendo “sim” com a cabeça sempre que a médica mais nova falava alguma coisa.

Entre a chegada ao Pronto Atendimento e a admissão na enfermaria, menos de uma hora transcorrida. Beirando às três da madrugada, Maria deitou-se no leito 104B para, enfim, repousar. Outra paciente dormia na cama ao lado, sem parecer se incomodar-se com a luz acesa, brotando um halo na penumbra da enfermaria.

Regulando o volume da voz para não acordar às demais internadas, uma jovem técnica em Enfermagem explicava à paciente, já medicada, o funcionamento do local, o lugar do banheiro e das roupas de cama, horários de visita, e onde e como pedir ajuda, caso viesse a precisar. Tendo sobrevoado a rotina da enfermaria, a técnica passou o braço sobre Maria

para ajudá-la a se cobrir, que àquela hora da madrugada já se sentia um arzinho daqueles que arrepiam os pelos do corpo. Foi aí que Fúlvia Gonçalves capturou a cena.

A imagem, na verdade, irrompia nos sonhos da artista fazia mais ou menos 40 anos, nos contou numa visita que lhe fizemos em abril. Na ocasião, iam comigo Luis Sarian, Neder Piagentini e Vilma Zotareli. Previamente comunicado, o porteiro nos permitiu estacionar no pátio interno do prédio de Fúlvia, rua Benjamin Constant quase esquina com a Júlio de Mesquita, a poucos metros da Prefeitura.

Nos ajeitamos constrangidos no elevador estreito, que escalou com esforço os quinze andares do edifício antes de nos colocar aos pés da artista. Prestes a completar 81 anos, a ex-professora do Instituto de Artes da Unicamp, nos aguardava na soleira do apartamento. Parecia tímida, apreensiva. Ao seu lado, a irmã, Gláucia, 85 anos. Esta, serena. E viviam juntas havia mais de 20 anos.

Mal tínhamos adentrado o apartamento quando vimos, ao fundo, por uma sacada ampla e sem

grades, o pálido azul de outono. Menos de meia dúzia de nuvens salpicadas no céu e a linha do horizonte serpenteava bem longe, para além de onde a miopia permite enxergar.

O propósito do encontro o leitor o tem em mãos, este livro. Numa ocasião anterior, Fúlvia havia mencionado ao professor Zeferino o desejo de produzir um livro a respeito do Projeto *Mater*, conjunto de murais estampados na fachada dos prédios do Caism. Zeferino contou a Sarian. E lá estávamos nós, querendo ajudar.

Para bem da verdade, porém, falamos pouco sobre o livro. Tratamos de antigas memórias da Unicamp, de ex-professores do Instituto de Artes, do Dr. Pinotti, ex-Reitor e idealizador do Caism. Lembranças que puxavam uma à outra.

Mais à vontade, Fúlvia nos convidou a conhecer seu apartamento. Quadros distribuídos por todas as paredes, a maioria da própria artista, clamando por serem digeridos à moda de cada um de nós. Obras da juventude, de traços delicados e formas suaves de tinta, que um problema recente nos olhos a impede

de repetir. Os trabalhos mais recentes apresentam contornos mais graves, personagens sem face, enigmáticos, às vezes, perturbadores.

Fúlvia ouve o comentário sem posicionar-se. Citando Umberto Eco, diz que o artista não pode criticar a própria obra. Quem o faz, então, é a irmã, Gláucia, orgulhosa e toda elogios, enquanto passa de um quadro para outro, apontando detalhes com a ponta dos dedos.

Entramos no ateliê. Ainda mais quadros por metro quadrado. Um tríptico na parede da direita, ilustrando fileiras de pessoas sem face, meio cabis-



Foto: Neder Piagentini do Prado.

baixas, umas sentadas, outras em pé. O céu sobre elas é marrom escuro, inexorável. De novo, perturbador. Mas me contenho.

Na parede da esquerda, um tipo de estante com dois níveis, cada qual com uma dezena de quadros lado a lado, organizados para uma exposição vindoura. Ao fundo, por entre as frestas da persiana, o céu já escurecendo.

Sarian retomou o assunto dos murais do Caism. Explicou que o maior prédio do Hospital tem uma das faces nua, no lado oposto ao que exhibe a obra *Humanitas*, da própria Fúlvia. Quanto a essa outra face, a nua, se pode vê-la mais facilmente do que todas as demais, pois ela se exhibe para todos os que sobem a Adolfo Lutz, a pé ou de carro. É um desperdício, dizia o superintendente.

– É o bloco onde se internam as pacientes grávidas e aquelas com câncer, sem contar as mulheres das cirurgias ginecológicas – acrescentei – mais de 70 leitos, seis pavimentos, vários profissionais, professores, alunos.



Foto: Neder Piagentini do Prado.

Fúlvio, que ouvia a tudo atentamente, teve um estalo. Lembrou-se do sonho recorrente, mas temeu perdê-lo por entre os dedos flácidos da memória. Correu para a mesinha do ateliê e, sem sentar-se ou dar explicações aos convidados, começou a desenhar. Com um lápis de ponta grossa, foi traçando figuras em um papel palha que encontrou ao alcance da mão. Poucos segundos depois, sorriso no rosto como o de quem captura um vagalume com um pote de balas, exibiu com a mão direito um esboço.

– *Curamus!*

Depois do café, servido por Gláucia, começamos a nos despedir. Sarian levava consigo o desenho, que prometia enquadrar e pendurar numa parede de casa. Ao fim daquele encontro, que encantara a tarde de uma segunda-feira árida, a artista despediu-se de nós, recusando quaisquer pronomes, nem professora, nem senhora.

– Sou apenas Fúlvia. Se quiserem, Fúlvia Gonçalves, uma artista plástica.



Dias após conceber o mural “Curamus”, Fúlvia elaborou a maquete.
Foto: Neder Piagentini do Prado.



Texto: Rachel Zuanon

Foto: Rodrigo Pessoa.

*ARTE E
HOMEOSTASIA:
OS MURAI DO
CAISM COMO
INSTRUMENTO
SOCIOCULTURAIS
HOMEOSTÁTICOS*

RACHEL ZUANON

Os processos de criação e fruição nas artes estão intimamente associados ao percurso evolutivo da humanidade, e qualquer esforço realizado na ingênua tentativa de dissociá-los se queda em vão. É evidente que as artes somente puderam ser concebidas e

percebidas a partir do momento em que os cérebros humanos adquiriram certas características mentais, que se estruturaram no transcorrer deste longo período evolucionário, como as reações emocionais. Por exemplo, as reações emocionais de prazer, que são deflagradas no e pelo corpo a partir da percepção de estímulos somatossensoriais diversos, como: determinadas formas, pigmentos, timbres, tons e ritmos sonoros presentes na natureza; organizações espaciais e paisagens específicas; dentre muitos outros estímulos que sensibilizaram e continuam sensibilizando a percepção do ser humano nessa longa jornada evolutiva. Ou seja, o pensamento e a prática artística elaboram-se nesse percurso em profunda e indissociável conexão com a biologia humana, e também como um dos seus meios de expressão e de comunicação.

Por esta perspectiva, observamos todo o conjunto de manifestações culturais produzidos pelo ser humano nesta jornada como um universo particular, no qual residem informações preciosas sobre as ameaças e as oportunidades à sua sobrevivência em determinado contexto, sobre as suas emoções e sentimentos, e sobre toda sorte de modelagens sociais vigentes à época. Em

outras palavras, como um meio estratégico e privilegiado de evidenciar informações relevantes aos indivíduos e à sociedade, as artes não somente “inauguraram o longo processo de criar registros externos da vida cultural”¹, como também corroboraram sobremaneira à evolução da comunicação humana, da organização e da coesão de grupos sociais.

Por outro lado, as artes se transformaram em potentes dispositivos capazes de explorar a mente humana, de induzir emoções e sentimentos e, assim, suscitar o exercício de juízos e de ações morais. Nesse extenso caminho evolutivo percorrido pela humanidade, também é indiscutível a ação da arte na compensação de desequilíbrios decorrentes das mais variadas emoções e sentimentos vivenciados pelo ser humano, como o medo, a angústia, a raiva, a frustração, a impotência e a tristeza. Independentemente da experiência vivida, o pensar, o fazer e o fruir artístico sempre se colocam como importantes aliados não apenas na superação do sofrimento humano, como também no desenvolvimento da noção de bem-estar. Essa capacidade das artes de qualificar e de atribuir

1 DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o Homem*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 360.

consistência aos processos comunicacionais, de motivar e de mobilizar a organização da vida social, assim como de provocar emoções e sentimentos capazes de suscitar a reflexão e de configurar estados de bem-estar, tanto no artista criador como naqueles que fruem sua criação, se coadunam à compreensão da necessidade de uma vida bem gerida e bem regulada, o que se alinha ao conceito de homeostasia.

Todos os organismos vivos contam com dispositivos dedicados a um conjunto de processos de regulação metabólica, literalmente responsáveis pela regulação da vida destes organismos. Este conjunto de processos automáticos dedicados à regulação da vida de um organismo e, ao mesmo tempo, ao estado resultante desta regulação, denomina-se homeostasia². Em outras palavras, a homeostasia se refere ao processo biológico dedicado a manter o ambiente interno do organismo dentro de estreitos limites fisiológicos³. Ou seja, consiste na capacidade do corpo de assegurar a sua estabilidade interna. Com este entendimento, podemos afirmar que as experiências propiciadas

2 DAMÁSIO, A. R. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

3 BEAR, M. F; CONNORS, B. W; PARADISO, M. A. Neurociências - Desvendando o sistema nervoso. São Paulo: Artmed., 4a edição, 2017.

pelas artes, no contexto apropriado, são capazes de atuar como estímulos competentes para fomentar a estabilidade interna do organismo humano ou, em outros termos, seu equilíbrio homeostático. Portanto, as artes, ao elevar o ser humano “aos níveis superiores de pensamento e sentimento, se tornaram o caminho para o refinamento homeostático que as pessoas idealizam e (...) anseiam por alcançar”⁴. E, assim, “o bem-estar imaginado, sonhado e esperado tornou-se uma ativa motivação das ações humanas”⁵.

Com isso, os avanços culturais compartilham o mesmo objetivo assumido pela homeostase biológica, uma vez que “respondem quando é detectado um desequilíbrio no processo da vida e procuram corrigi-lo nos limites da biologia humana e do ambiente físico e social”⁶. Denominada homeostase sociocultural, esse processo engloba os expedientes culturais criados em resposta ao desequilíbrio sociocultural. Melhor dizendo, “são respostas a problemas funcionais encontrados no espaço social que demandam correção nos limites desse espaço para que não

4 DAMÁSIO, A. R. E o cérebro criou o Homem. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 360.

5 Idem, p. 356.

6 Idem, p. 355.

venham a comprometer a regulação da vida dos indivíduos pertencentes ao grupo”⁷. Ou seja, quando os ambientes físicos e sociais se tornam complexos, os mecanismos de homeostasia social distendem os limites drásticos da regulação automática da vida⁸. Com isso, a homeostase sociocultural se soma à homeostase biológica como “uma nova camada funcional de gestão da vida”⁹. É a partir desta abordagem que compreendemos as obras de arte como dispositivos socioculturais homeostáticos, e debruçamos nosso olhar e atenção ao projeto *Mater*, também reconhecido como murais do Caism concebido pela artista Fúlvia Gonçalves no ano de 1986.

Originária do latim, a palavra *mater* tem seu significado associado àquilo que é o princípio de tudo, à matriz, à razão, à causa. Mais especificamente, seu sentido se vincula àquela que é a genitora, que gera, que dá à luz, que desempenha a função de mãe. Circunscritos a este contexto estão os sete murais que compreendem o projeto *Mater* e abraçam a “Alameda

7 Idem, p. 355-356.

8 DAMÁSIO, A. R. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

9 DAMÁSIO, A. R. E o cérebro criou o Homem. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia da Letras, 2011, p. 356.

do Caism”¹⁰: ‘Humanitas’, ‘Concepto’, ‘Aprisco’, ‘Gestatrix’, ‘Sustentatus’, ‘Fecunditas’ e ‘Unitas’.

O processo que envolve a criação de cada mural revela como o pensamento de Fúlvia articula em sua poética visual questões que estão na base da existência humana, como a fecundação, a gestação, a evolução, a preservação e o fenômeno da vida. Segundo a artista¹¹, a profusão de cabeças que emerge no mural ‘Humanitas’ remete à noção de humanidade, de mundo, de mistério da vida. Já em ‘Concepto’ reside a poesia da natureza, da concepção, da vida expressa nos relevos e nas suas superposições que tencionam se destacar da superfície bidimensional. ‘Aprisco’ sugere o movimento do líquido amniótico, que nutre o bebê no ventre da mãe, enquanto ‘Fecunditas’, como o próprio nome sinaliza, enfatiza a fecundação. Em Gestatrix, a alusão à gestação e à amamentação é obtida a partir da disposição de um grande círculo na base do mural que, como um ventre, acolhe e alimenta o desenvolvimento de uma

10 Alameda do CAISM é a denominação atribuída pela artista Fúlvia Gonçalves à sequência de prédios que constituem o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher, da Unicamp.

11 GONÇALVES, F. Mater: murais do CAISM. Disponível em: fulvia-goncalves.art.br/videos

grande folhagem, enquanto os dois outros círculos menores, acima deste, ensejam os seios da mãe à espera do seu rebento. Por outro lado, ‘Unitas’ evoca o sentido de união, de família, ao dispor três olhos em um “ângulo que se abre para o infinito”¹². E, por fim, em ‘Sustentatus’, a artista encontra a sinergia entre a forma que embasa o logotipo da Unicamp e a forma que delinea e sustenta o seio de mulher.

Ao mesmo tempo que estes murais congregam em suas poesias visuais os saberes da arte e da arquitetura¹³, eles atuam como instrumentos socioculturais homeostáticos, comprometidos com a regulação da vida humana. Neste sentido, a ação homeostática destes se destaca principalmente na sua atuação como marcos que indicam a direção do Caism e favorecem a sua localização e memorização, bem como na produção de estímulos somatossensoriais capazes de potencializar e nutrir emoções e sentimentos de valência

12 GONÇALVES, F. Mater: murais do CAISM. Disponível em: fulvia-goncalves.art.br/videos

13 O projeto *Mater* integra o Projeto Arte no Campus, organizado pela professora Suely Pinotti no ano de 1985. O Projeto Arte no Campus é realizado na reitoria do Prof. José Aristodemo Pinotti, período marcado por um número expressivo de obras arquitetônicas que ampliaram sobremaneira o alcance físico e social da Unicamp.

positiva naqueles que participam da rotina do hospital. Importante aqui enfatizar que as emoções e os sentimentos de valência positiva estão intimamente relacionados com as sensações de satisfação e de bem-estar. Além disso, mostra-se crucial salientar que as ações homeostáticas exercidas e alcançadas pelos murais do Caism têm as suas raízes nas fases de concepção e de desenvolvimento projetual, como pode ser notado na explanação da professora Suely Pinotti:

O Pinotti quis juntar forças e juntar cabeças e ideias, para que também o Caism não só fosse uma instituição como é, de atendimento, mas também que fosse fisicamente um marco dentro da Unicamp. Então, eu acredito que com esses detalhes, com esse branco sobre branco, aproveitando a luz do sol, para que as formas praticamente se movimentem pelo relevo que foi realizado, tudo isso nos transporta, nos emociona, e nos eleva no sentido de que a vida humana, a alma humana passa por todas essas fases (...).¹⁴

14 PINOTTI, S. Depoimento. In: GONÇALVES, F. Mater: murais do CAISM. Disponível em: fulviagoncalves.art.br/videos

Assim, como instrumentos socioculturais homeostáticos, os murais do Caism se articulam aos mecanismos biológicos de regulação da vida, imbuídos na responsabilidade de assegurar o equilíbrio à sobrevivência de todos os indivíduos vinculados ao contexto do hospital. Com isso, essa regulação não se enseja apenas no indivíduo, mas no coletivo¹⁵. Ou seja, para além dos próprios desejos e sentimentos da artista que os criou, como também na sua preocupação com os desejos e com os sentimentos dos outros.

Então, se por um lado somos rotineiramente bombardeados com inúmeros estímulos opressores ao nosso bem-estar e à nossa qualidade de vida, por outro, vivemos rodeados por estímulos capazes, também, de corroborar ao equilíbrio homeostático de nosso organismo, como os murais do Caism. É fato que muitos estímulos capazes de potencializar e de favorecer a homeostase humana têm sua ação e eficácia reduzidas devido à desorganização dos ambientes, bem como em razão da ausência de enquadramentos propícios à atuação consistente destes

15 ZUANON, R.; OLIVEIRA, M.R.S.; FERREIRA, C.L.; MONTEIRO, E.Z. Memória, emoções e sentimentos: impactos na percepção espacial e afetiva da área urbana central de Campinas. *DATJournal - Design Art and Technology*, v. 5, p. 04-21, 2020.



A imagem acima foi registrada pelo aluno de graduação em medicina da Unicamp Augusto César Bortoluci em 2018.

estímulos¹⁶. Diferentes destes, os murais do Caism se colocam justamente como um exemplo deste processo de organização e de enquadramento no espaço urbano, necessário e propício à ação dos estímulos benéficos ao organismo humano, esteja ele saudável ou não. Graças a isso e à sua existência perene na rotina daqueles que, de algum modo interagem com o hospital, as experiências estéticas deflagradas pelos murais que habitam a Alameda do Caism, se reverberam e se autossustentam nestes organismos durante os períodos de tempo deste convívio. Ou seja, como instrumento sociocultural homeostático,

16 DAMÁSIO, A. R. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

estes murais são capazes de estimular, de nutrir o sistema somatossensorial, e de sustentar ao máximo os benefícios a estes organismos.

Essa reflexão sobre a potência e a ação homeostática dos murais do Caism reitera e reforça nossa formulação inicial acerca da relação indissociável entre arte e biologia. Totalmente interativas, biologia e arte se articulam para “permitir uma nova abordagem dos problemas humanos”¹⁷. Isso inclui “uma atitude de combate, baseada na convicção de que uma parte da tragédia da humanidade pode ser diminuída, e de que contribuir para essa diminuição é uma responsabilidade que devemos assumir”¹⁸. Essa atitude é a garantia de que “nunca nos sentiremos sozinhos desde que a nossa preocupação principal seja o bem-estar dos outros”¹⁹. Assim se colocam as obras da artista Fúlvia Gonçalves que envolvem a Alameda do Caism em atitude de combate. Um combate sutil, delicado, mas em nada silencioso, pelo contrário, um combate extremamente vigoroso, que desenha o espaço arquitetônico urbano e se projeta

17 Idem, p. 297.

18 Idem, p. 296.

19 Idem, p. 300.

aos sentidos humanos como eficientes instrumentos socioculturais homeostáticos, dedicados à regulação da vida e ao bem-estar daqueles que participam da rotina deste hospital.



Texto: Sylvia Furegatti registrada na Exposição Sériasões nas Obras de Marco do Valle, retrospectiva artística, na Casa de Vidro de Campinas.
Foto: Antonio Scarpinetti.

*UMA LEITURA
TOPONÍMICA
DOS PAINÉIS DE
FÚLVIA GONÇALVES
PARA O CAISM
DA UNICAMP*

SYLVIA FUREGATTI

A constituição dos campi das Universidades Públicas brasileiras institui-se uma forma plástica e estrutural que em muito se assemelha à espacialidade das cidades. São formados, usualmente, por conjuntos mais ou menos regulares de edificações, vastos jardins, passagens, ruas e avenidas largas, nas quais o tempo permite a seus públicos criarem rotinas. Como na cidade, há também neste lugar a área médica e hospitalar, assim como a prefeitura, o museu, os correios e os restaurantes. Esta configuração contém também uma rede de esculturas públicas que nos lembra o quanto a vida

urbana nas cidades, sejam elas antigas, modernas ou contemporâneas, requer para si qualitativos característicos no campo da arte.

Mais que evidenciar a delongada relação de afetos e conflitos travados pela arte no corpo da cidade, a qualidade de vida urbana, atrelada à cultura, nos expõe à sua complexa rede de significação e às reconfigurações materiais, temporais e simbólicas, que constroem revisadamente, ao longo do tempo, estes dois núcleos.

O modo como o elemento artístico é distribuído nesses espaços, na cidade ou no campus universitário, revela aos seus espectadores-transeuntes que, como bem nos lembra Hans Haacke, a arte e a cidade são formadas por certa dose de astúcia e sorte, que bem acompanham os acervos dos museus e a própria democracia nos tempos atuais²⁰. Assim, é por meio deste feixe dialógico entre o trabalho de arte, sua localização espacial e o grupo de pessoas

20 “Nunca foi fácil para o museu preservar ou manter um grau satisfatório de mobilidade e integridade intelectual. É necessário astúcia, determinação – e um pouco de sorte. Mas uma sociedade democrática exige nada menos do que isso.” HAACKE, Hans. *Museums, Managers of Consciousness*. Texto publicado no catálogo: *Unfinished Business*, New Museum of Contemporary Art y MIT Press, Nova York e Cambridge MA, p. 60-73, 1986. (Tradução livre da autora).

ao qual é exposto que podemos tecer as perguntas que bem nos orientam para compreender as atenções dispensadas à produção dos painéis murais da artista Fúlvia Gonçalves, para a fachada dos prédios do Hospital da Mulher Caism, no campus universitário Zeferino Vaz, da Unicamp.

De que modo nos encontramos com o trabalho dos artistas que praticam as vertentes da arte pública e urbana contemporânea? Como podem ser avisados e lidos esses painéis produzidos pela artista, desde meados da década de 1980? Ou ainda, que visitante, estudante, professor, servidor são aqueles que deles retiram a substância qualitativa da arte e deste modo renovam seu reconhecimento neste campo?

A professora-artista Fúlvia Gonçalves compôs um grupo de docentes e técnicos fundadores do Instituto de Artes que participaram do Projeto *Arte no Campus*, organizado pela professora Suely Pinotti. O projeto foi elaborado em consonância com a Reitoria daquele período, entre a fundação do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes (1983) e o início próprio das atividades do projeto que se propunha a instalar peças artísticas escultóricas no campus (1985).

Ao todo, conseguiu levar a cabo a construção de sete trabalhos escultóricos implantados nos mais diferentes pontos daquela paisagem. Dois painéis em grandes dimensões e que utilizam o recurso do concreto armado para serem edificados foram criados: o painel intitulado *Vegetais*, de autoria de Berenice Toledo, instalado na fachada do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom), e o conjunto de quatro painéis de título: *Mater*, de Fúlvia Gonçalves, para o Caism. No período em que foram executados, no ano de 1986, já visavam ajustarem-se ao local de sua instalação por meio da observação das dimensões dessas fachadas, tanto quanto pela destinação conhecida desses lugares do campus para a comunidade.

Como painéis, estabelecem-se tal qual faces que passam a indicar uma instigante combinatória dentre as forças plásticas trazidas pela arquitetura e pela arte. Demonstram um trajeto cumprido: as artistas vão até os lugares e demandam deles elementos para constituir seus projetos. Se há aqui, nessas proposições plásticas, o acordo que muitas vezes falta à pretensão política, a composição imagética desses painéis não lhes subtrai, contudo, o protagonismo da memória de certa paisagem do campus pautado



“Monumento às Andorinhas”, em foto de 1986. Arquitetura elaborada pela professora Akiko Fujita, no ano anterior, no contexto do projeto “Arte no Campus”, assim como os murais de Fúlvia Gonçalves no CAISM.

Fonte: SIARQ/Unicamp

Foto: J.J. Lunazzi.

por um ritmo de consensos e crença na transformação. Instituem-se na paisagem como índices de uma mudança bem-vinda, de um comentário sobre determinado sentido de urbanidade que todo campus universitário deve reverberar.

O projeto *Arte no Campus* (1986), fomentado pelo então reitor José Aristodemo Pinotti, inaugurou uma forma de ação cultural sobre o tecido do campus e foi, posteriormente, desdobrado em projetos

pontuais e ações individualizadas que promoveram os territórios das unidades da Universidade (meados da década de 1990) até encontrarem-se com projetos periódicos produzidos pela passagem pontual de artistas visitantes pelo campus (anos 1990 até hoje).

Assim, é possível considerar que a primeira investida escultórica no campus Zeferino Vaz anunciou e modelou o próprio crescimento do campus, de suas instalações em forma de pavilhões, de seu sentido urbano lato. A construção deste conjunto de trabalhos artísticos que somam 14 peças escultóricas de caráter público, instaladas no campus dentre meados da década de 1980 e final dos anos 1990, pode ser lida como uma proposta de arte da Universidade para seus públicos²¹. Junto dos prédios, das árvores e estruturas de acesso, peças escultóricas ladeiam a expansão e implantação do campus da Universidade, como se a arte que mirava o entorno nele compreendesse e pudesse melhor fomentar o encontro renovado com seus públicos.

21 Ao longo de meus estudos sobre arte pública e urbana pude dissertar sobre o histórico do projeto *Arte no Campus* e seus desdobramentos num documento que está disponibilizado online no endereço: <https://estudodemuseus.wordpress.com/>

A ampliação adensada e de algum modo acelerada da Universidade testemunhou as mudanças de sua paisagem: mudas tornam-se bosques; novos edifícios são construídos, maiores, mais altos, com novas tipologias a se misturarem aos formatos preestabelecidos no período inicial de implantação do campus. Muitos outros públicos ampliaram os sentidos desses lugares e a rotina da Universidade.

Neste contexto de mudanças, de modo algo silencioso, o conjunto escultórico permanece, fenece em alguns casos, mantém-se presente em boa parte. É o caso dos murais de Fúlvia Gonçalves para a sequência de fachadas que compõem o Caism. *Mater* assistiu de perto ao contínuo crescimento da área hospitalar da Universidade, de certa agitação na criação de outros fluxos apressados, caminhos de pedestres não planejados, do entorno de seus jardins e copas altas de árvores que lhe fazem sombra e, por fim, na construção de novos blocos dispostos na sequência dos primeiros.

Neste momento, assistimos à inversão do trajeto do encontro: o tempo permitiu que agora seja a artista aquela a ser chamada. Grupos de trabalho



Inaugurado em 1987, o “Eixo paralelo ao da rotação da terra”, de Marco do Valle, também integrou o projeto “Arte no Campus”. A imagem acima foi registrada pelo fotógrafo da Unicamp Antoninho Perri e mostra o artista, falecido em março de 2018, ao lado de sua obra”.

Foto: Antoninho Perri.

iniciam a ampliação do órgão entre 2003 e 2006. Compreendem em seu planejamento estratégico a substância qualitativa da arte que ocupa suas fachadas e solicitam à artista a elaboração de novos projetos para as fachadas da expansão do Caism, de forma que o conjunto existente se mantenha²². Todos os sete blocos ou edifícios são encabeçados por esses grandes painéis em concreto que apresentam figuras suaves, simbolizadoras da fecundidade feminina.

²² Planejamento Estratégico CAISM, 2006. Disponível em: <https://www.caism.unicamp.br/PDF/Planes2006.pdf> Acesso em: 23/09/2018.

O Projeto *Mater* é denominado por títulos em latim, numa clara referência da artista ao sentido originário de nossa língua. Planta, útero, alimento, círculos, seios, face constituem as formas trabalhadas por ela e que, pela linguagem trabalhada, podem ser lidas pelos mais distintos passantes. Essas formas humanas e orgânicas são suaves, demandam certa atenção para serem percebidas. Com o passar dos anos, a parede toda branca recebe uma camada de tinta rosada, que mantém o dinamismo de seu apelo orgânico. Não são formas em repouso. Seu movimento sugere outro tipo de velocidade, distinta da urgência que assume aquele entorno. Trata-se de uma velocidade mais apropriada para as urgências e a beleza próprias de sua atividade-fim.

Inseridos na dinâmica deste movimentado espaço do campus, os painéis de Fúlvia nos sugerem a capacidade de nominarem os prédios que os portam. Seriam assim entendidos como espécies de retratos a identificar as atividades humanas ali realizadas por meio da conexão que formam com os olhares de seus visitantes, estudantes e transeuntes que, por sua vez, estabelecem os modos de habitá-lo.

Sob essa sugestão é possível constituir outra analogia: tal qual nos tempos remotos, esta fusão entre arte e arquitetura funda-se como na história dos sobrenomes criados para individuar as populações crescentes por meio de referências encontradas na observação do entorno: por meio da geografia (do Vale, do Rio, Rocha, etc.), pelas profissões (Bookman, Schumaker, etc.), pelas alcunhas (Leite, etc.). Assim, com seus painéis, o conjunto dos prédios do Caism carrega espécie de referência toponímica ao constituírem-se por um modelo de comunicação socialmente produzido e culturalmente apropriado, a partir de inferências da paisagem do entorno, de sua condição orgânica, da potência que têm os lugares como realidades empíricas²³. As formas sutis, aplicadas pela artista, constroem imagens que atenuam a relação dos usuários e visitantes desse lugar e lhes propõe aperceber-lhes com outra expectativa, por um modo de aproximação igualmente sutil.

É possível perceber que os prédios do Caism são identificados pelas fachadas da artista Fúlvia

23 José Ramiro Queirós Pimenta aprofunda estes estudos em seu artigo: “Toponímia e significação geográfica” publicado pela *Revista da Faculdade de Letras e Geografia*, série I, volume XIX, Universidade do Porto, 2003, p. 279 a 281. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/341.pdf> Acesso em: 02/08/2018.

Gonçalves, mesmo que muitos dos usuários ou transeuntes e visitantes ainda não saibam seu nome. São, a partir do conjunto, o prédio da planta, do útero, do alimento, dos círculos, dos seios, da face feminina. Foram assim sendo constituídos, no delongado do tempo que consolida rasgos de identidade em meio a grupo comum. Como já sabemos, tal elaboração exige nada menos que astúcia e alguma sorte. De modo muito criativo, esta relação entre uso e criação propõe a dinâmica da instituição frente à concorrência visual do entorno, frente à gravidade das demais demandas daquele lugar do campus.

As formas aplicadas ao projeto *Mater* equilibram arte e arquitetura como se operassem a conhecida semelhança entre texto, tessitura e espaço cultural. Evitam a leitura de seus prédios pela forma externa final e chamam à percepção da imagem da lâmina lateral que os distingue. São notações, inscrições para serem lidas e compartilhadas pelos mais variados motivos, pressas, justificativas, assim ativas pela vida contemporânea da qual participam. Como bem nos alerta Adolfo Montejo, sobre esta relação entre arte e contexto urbano:

De fato, se a cidade pode-se considerar analogicamente como uma ‘escrita em maiúsculas’ segundo uma ideia de Platão, o artista de hoje fez da cidade não só um novo *habitat* da obra como outra escrita: cidade-suporte para inscrever imagens-acontecimento.²⁴

Como aquele transeunte que busca localizar-se no espaço urbano, os painéis de Fúlvio avançam sobre a imediatez de sua aparência plástica e, resistentes ao tempo, desdobram-se, atualizam-se como imagens-acontecimento na busca de produzirem outras notações sobre o espaço de convívio e usufruto do conhecimento gerado pela Universidade.

24 MONTEJO, Adolfo. *In: Situ*, Centro Cultural São Paulo, 2004. Disponível em: <http://reginasilveira.uol.com.br/insitu.php> Acesso em: 03/04/2007.

ORGANIZADORES

Dênis Barbosa Cacique é servidor do Caism, bacharel em filosofia, doutor em ciências da saúde e especialista em ética e bioética.

Vilma Zotareli é servidora do Caism, formada em letras, especialista em gestão e estratégia de empresas, doutora em ciências da saúde e amiga de Fúlvia Gonçalves.

COLABORADORES

Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral é jornalista, especialista em análise do discurso, doutora em ciências da saúde e servidora aposentada do Caism e da Assessoria de Comunicação da Unicamp.

Neder Piagentini do Prado é fotógrafo profissional e responde pela Seção de Apoio Técnico e Científico do Caism. Coordenou o processo de busca, seleção e recuperação das imagens que ilustram este livro, muitas delas com mais de 30 anos de registro.

Suely Pinotti

“A arte muralista de Fúlvia Gonçalves nos traz um resumo plástico do projeto de existência do Caism, que recupera o encontro da proteção da vida, na ideia fertilizada pelos que acreditam sempre.”

Luís Otávio Zanatta Sarian

“A aridez arquitetônica das edificações do Caism é subitamente interrompida pelos murais da Fúlvia Gonçalves. Solução engenhosa, encontrada pelos fundadores do Hospital para atenuar o pragmatismo, a escassez e a urgência, outrossim, tão evidentes nos blocos de concreto meramente pintados. Uma base inspiradora, um recado, de que seria necessário construir o belo em bases simples, modestas, e vencer os desafios evocando a maternidade, a feminilidade, a compaixão pelo humano.”

Anibal Faúndes

“(…)o Mural Unitas, idealizado pela Profa. Fúlvia, representa os servidores do Caism abrindo os braços até o espaço, olhando para o futuro. Seus olhos ficam cada vez mais abertos, frente à contínua expansão dos serviços com os quais cada vez mais mulheres são cuidadas (...).”

Rachel Zuanon

“O processo que envolve a criação de cada mural revela como o pensamento de Fúlvia articula em sua poética visual questões que estão na base da existência humana, como a fecundação, a gestação, a evolução, a preservação e o fenômeno da vida.”

Sylvia Furegatti

“Mater assistiu de perto ao contínuo crescimento da área hospitalar da Universidade, de certa agitação na criação de outros fluxos apressados, caminhos de pedestres não planejados, do entorno de seus jardins e copas altas de árvores que lhe fazem sombra e, por fim, na construção de novos blocos dispostos na sequência dos primeiros.”

